

# **José Dias Coelho**

**Artista militante  
e militante revolucionário**













# 19 de Junho de 1923 em Pinhel

É apenas uma data e um lugar. E nesta exposição não perguntaremos quando nasceu o artista que foi, mas quando nasceu o revolucionário que viria a ser e cuja vida terminaria com o seu assassinato 38 anos mais tarde, numa rua de Lisboa. Muitas vezes, o artista e o político nascem juntos na mente e na acção de um homem ou de uma mulher. Nem todos, porém, com o percurso coerente e nítido de Dias Coelho. Quinto de nove irmãos, José acompanha a família que segue o pai, escrivão, de Pinhel para Coimbra e, daí, para Castelo Branco, onde se demora até meio do curso liceal. Nos alvares da adolescência já o desenho lhe sai das mãos. Seria em Lisboa, a partir de 1938, com a Guerra Civil de Espanha troando para lá da fronteira e com os fascistas de Franco ajudados por Hitler, Mussolini e Salazar, progredindo no caminho ensanguentado que ameaçava afogar a Europa e o mundo, que o jovem vê abrirem-se-lhe as portas de uma consciência colectiva que integra a arte e a resistência. Inscrito no Colégio Académico, onde vem a concluir os estudos liceais, tem professores que o salazarismo persegue. E através deles, acede às tertúlias que reúnem nomes como Bento de Jesus Caraça, Lopes Graça, Carlos Oliveira, Keil do Amaral e Abel Manta.



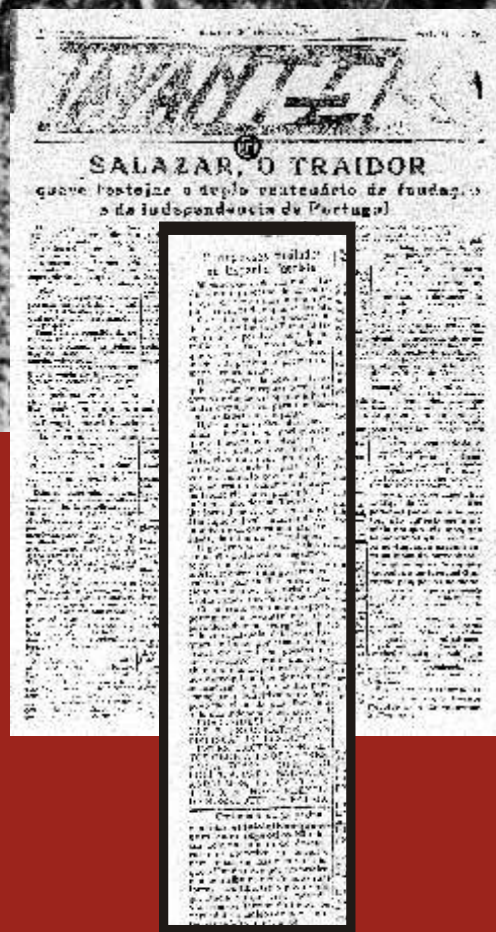
Casa onde nasceu José Dias Coelho, em Pinhel



Largo José Dias Coelho, em Pinhel



Guerra Civil de Espanha - 1938





# O jovem comunista

No ano de 1939, que vê a Guerra Civil de Espanha terminar com a derrota da República e o fascismo a dominar toda a Península Ibérica e assiste ao desencadear da II Guerra Mundial pela Alemanha de Hitler, José Dias Coelho vai dar os primeiros passos no reconhecimento público da sua arte. Acaba de perfazer 16 anos quando é inaugurada, no Colégio Académico, uma exposição de trabalhos de alunos em que figuram desenhos seus, desde logo saudados pela crítica. Partilhado entre os estudos e as tertúlias, conhece mais artistas. Acabado o Curso Geral dos Liceus, ingressa no Instituto de Educação Física que lhe permitirá, ao entrar na tropa, aceder ao Curso de Oficiais Milicianos. Nesse tempo, o fascismo não admite artistas entre os oficiais. Mas a arte não a abandona e, em 1942, entra para a Escola de Belas Artes de Lisboa, onde vai cursar Arquitectura que então ainda não é reconhecido como curso Superior. Corre o ano de 1942. Entre os seus companheiros estão alguns artistas que o tempo vai assinalar como maiores, Sá Nogueira, Júlio Pomar, João Abel Manta. É neste ano que adere à Federação das Juventudes Comunistas.



Foto de José Dias Coelho com o Pintor Sá Nogueira, Lisboa - 1950



Foto de José Dias Coelho e Fernando Lopes Graça



Hitler e forças nazis desencadeiam II Guerra Mundial

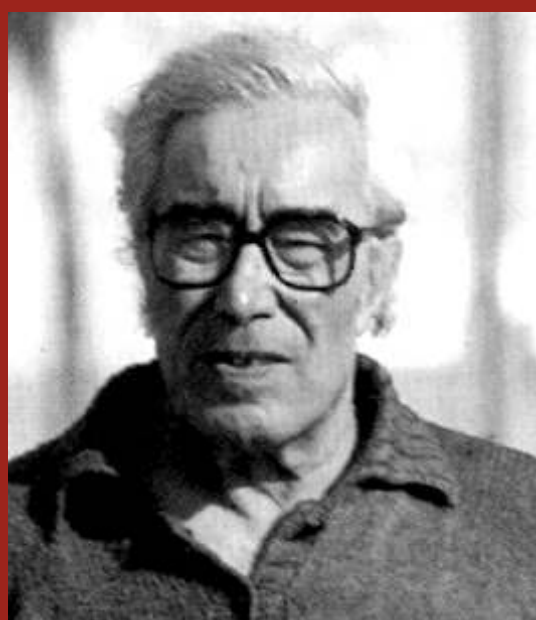


# «Em toda a parte há um pedaço de mim que se quer dar»

Generosidade é talvez a palavra chave da vida que foi a sua. Recordemos, na voz de José Cardoso Pires, que o recordava em Julho de 1974, ali mesmo na Sociedade Nacional de Belas Artes que ajudou a transformar:

*«Esta capacidade de abranger o mundo e de tudo partilhar, foi, tenho a certeza, a poderosa força de José Dias Coelho, aquilo que o impeliu para a tarefa de modificar e construir contra o errado e o desumano. A morte de um camponês ou um aceno de criança, levantavam prontamente nele a indignação ou o amor, e, logo, o tal pedaço de si que se quer dar.»*

A actividade política de José Dias Coelho inicia-se precisamente na frente da solidariedade sobretudo para com os presos políticos e as famílias atingidas pela repressão fascista. Recolha de fundos, de géneros, de roupas. E também de apoio médico, para o qual se contava com a preciosa ajuda de médicos antifascistas.



José Cardoso Pires



José Dias Coelho em Vila Franca de Xira, Verão de 1952





# A arte também é uma arma

O papel libertador da arte conhecia-o José Dias Coelho desde os primeiros passos da luta antifascista. E soube aliar esse saber ampliando-o e levando mais longe esse caminho. No início da sua actividade política, que coincide com a reorganização do PCP e com o vigoroso impulso dado pelos comunistas à oposição à ditadura, Dias Coelho participa logo na actividade do MUNAF-Movimento de Unidade Nacional Antifascista. E, após o fim da II Guerra Mundial, na actividade do MUD-Movimento de Unidade Democrática, participando no trabalho da sua Comissão de Escritores e Artistas Democráticos e na sub-comissão dos Artistas Plásticos. Uma das formas escolhidas era então a confrontação com o regime procurando um lugar não tutelado por António Ferro, criador do SNI, para a exposição de obras que o salazarismo não controlasse. Organizando a entrada como sócios dos artistas antifascistas para a Sociedade Nacional de Belas Artes, influenciando assim os órgãos directivos, é criada então a Exposição Geral de Artes Plásticas, que conhece dez edições, de 1946 a 1956. Os júris são eleitos. E só é admitido quem não exponha no SNI nem colabore com o fascismo.



Agitação de rua do MUD (Movimento de Unidade Democrática)



Esculturas de José Dias Coelho para classificação final na Escola de Belas Artes - 1952





# Renovação no panorama artístico

A participação activa de José Dias Coelho na dinamização das Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAPs), como organizador desde a primeira realizada em 1946 e expositor desde a segunda, decorre da sua consciência da ampla abertura unitária que elas promoviam no meio artístico e da sua capacidade de desenvolver os largos consensos que elas implicavam. As EGAPs, que congregaram o que de mais válido e significativo surgiu nas artes plásticas em Portugal, contribuíram para fomentar uma renovação no panorama artístico português e nelas surgiram novas camadas de artistas que iriam afirmar-se no futuro como artistas marcantes na arte portuguesa.



Foto de vários artistas participantes na 7ª Exposição Geral de Artes Plásticas - 24 de Maio de 1953



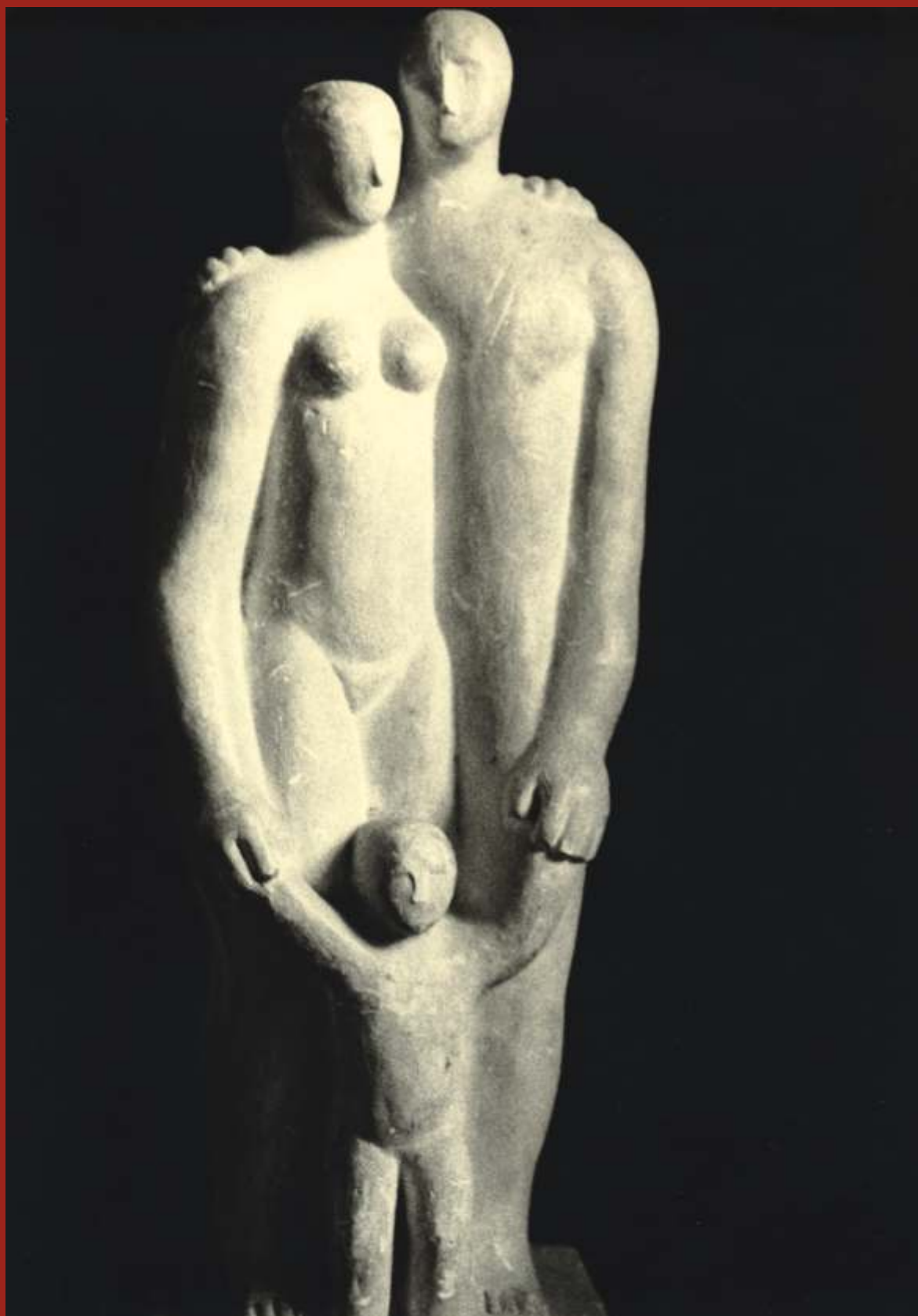
Escultura "Maternidade" - 1951



Escultura de José Dias Coelho exposta na Exposição Geral de Artes Plásticas



Escultura "Família" - 1949





# Pela liberdade, contra a repressão

Prosseguindo os estudos e decidindo abandonar Arquitectura e abraçar a Escultura, a actividade de José Dias Coelho nestes finais dos anos 40 multiplica-se. Participa na organização das Exposições Gerais da SNBA, anima as tertúlias onde introduz temas sociais e políticos, expõe trabalhos seus. E intervém politicamente. Criado o MUD Juvenil, em 1946, aí milita, sendo também dirigente da Comissão de Escola do MUD Juvenil da ESBAL, onde se juntam jovens que mais tarde se revelariam consagrados artistas. Em 1947, de 21 a 28 de Março, o MUD Juvenil organiza a Semana da Juventude, iniciativa que desencadeia feroz repressão por parte do fascismo. É presa a Comissão Central além de muitos apoiantes. Na ESBAL, Dias Coelho promove a recolha de assinaturas de apoio Aos presos. Na 2.ª EGAP, a PIDE invade a SNBA e confisca 12 obras de 10 autores. No ano seguinte, João Abel Manta é preso. Dias Coelho está à frente da solidariedade e no protesto. Ainda em 1948, vai a Pinhel, onde nasceu, para aí constituir a Comissão Concelhia da candidatura do general Norton de Matos à Presidência da República. Uma candidatura que iria desistir da farsa eleitoral que os fascistas preparavam. Ainda em plena campanha, no dia 1 de Janeiro de 1949, José Dias Coelho é preso pela PIDE, que o encerra, incomunicável, durante 10 dias, no Aljube.



Iniciativa, em Almada, do MUD Juvenil, reprimida pela GNR



Foto de José Dias Coelho com Abel Manta



Foto de José Dias Coelho com Abel Manta



Sessão da candidatura de Norton de Matos

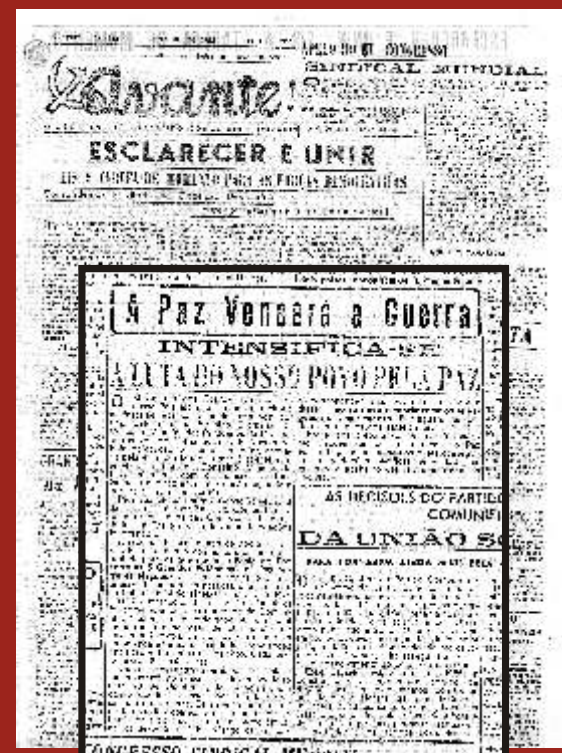


# Em defesa da Paz



Enquanto em Paris, se realiza o I Congresso Mundial da Paz e Picasso desenha a Pomba que para sempre ficará a simbolizar essa luta, outras lutas se preparam no País, alvo da repressão de um regime que é aceite no seio da organização belicista comandada pelos Estados Unidos, NATO.

Dias Coelho, que inicia então a sua relação com Margarida Tengarrinha, a quem retratará numa escultura, bate-se pela constituição de uma Associação Académica em Belas Artes. É uma luta árdua. Apesar de a direcção da Escola a reconhecer após um amplo processo em que se debate o projecto dos Estatutos em assembleias gerais, estes nunca virão a ser aceites pelo Ministério. A Associação será proibida. O ano seguinte, 1950, assiste à criação, em Lisboa, da Comissão Nacional para a Defesa da Paz, que desde logo lança uma extraordinária iniciativa. A recolha de 100 000 assinaturas para o apelo de Estocolmo. Dias Coelho empenha-se nesta acção que conta principalmente com a juventude.



Panel em Azulejos alusivo à Paz, no exterior da casa de Plácido de Sousa, Campos - Vila Nova de Cerveira



Escultura de Margarida Tengarrinha



# Os nomes da democracia

Acabado o Curso Geral de Escultura, José Dias Coelho matricula-se no respectivo Curso Superior. Mas não chega a concluí-lo. O trabalho artístico ocupa-o, a cada exposição lá está a provar o que das mãos e da arte resulta e, mais tarde, veremos quão longa é a galeria de gente, amigos seus, artistas, escritores sobre quem se debruçou para imortalizar. Sá Nogueira, Alves Redol, Orlando Costa, tantos outros, figuram nessa galeria de nomes que a arte e a democracia não fazem esquecer. Partilha um atelier com Pomar e outros. Ilustra contos de José Cardoso Pires. E integra a Direcção Universitária do MUD Juvenil. Em 1951, começa a leccionar na Escola Francisco Arruda. Curta passagem pelo ensino. Quando os estudantes da ESBAL aderem ao protesto contra a realização, em 1952, do Conselho da NATO em Portugal e procedem a inscrições nas paredes da Escola, dezenas de alunos subscrevem um abaixo-assinado solidarizando-se com um colega acusado de as haver feito. Todos eles serão alvo de um processo e de penalizações. Dias Coelho e Margarida Tengarrinha são expulsos de todas as escolas do país e impedidos de leccionar. Ambos iniciam, no final desse ano, a vida em conjunto.



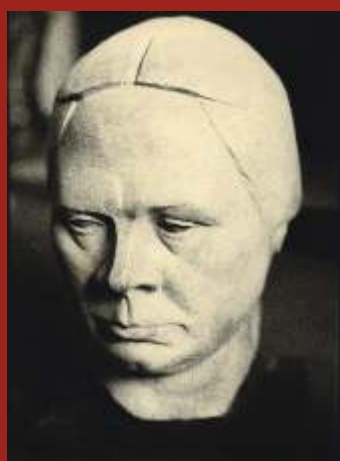
Escultura de Tomás de Figueiredo



Escultura de Lurdes de Freitas



Escultura de Teresa de Sousa-1952



Escultura da Mãe, Juliana Dias Coelho



Escultura de Alves Redol



Escultura de Fernando Namora



Líricas I, II e III de José Dias Coelho





# O sol nascerá um dia

Em 1953 nasce a primeira filha de José e de Margarida. A segunda filha nasceria na clandestinidade em 1959. De novo entregues ao trabalho ambos. Enquanto a companheira expõe pela primeira vez na 7.ª EGAP, Dias Coelho leva duas esculturas à exposição «Retrato de Maria Eugénia Cunhal», a irmã de Álvaro, e «Estudo» e dois desenhos. Não pára de desenhar, de esculpir, de ilustrar obras literárias. Como o livro de Alexandre Cabral, «O Sol Nascerá um Dia». E trabalha para encomendas, como o grupo escultórico que realiza para o Café Gelo remodelado. Nesse ano é um dos 12 artistas muitos deles comunistas que ilustram um calendário para 1954, editado no âmbito da Campanha para a Paz.

*Este calendário reúne 12 desenhos de 12 artistas portugueses e em cada um deles se formula, por diferentes maneiras, um voto único: um voto único belo e universal sejam afastadas ameaças e pavores, e relegada a guerra para o rol das coisas que deixaram de existir um voto único: ver o espírito de negociação e de entendimento entre os povos lançar raízes e dar frutos que o ano de 1954 seja assim um ano de paz apertem-se os laços de amizade entre as gentes e tenham livre curso as relações culturais, o comércio dos povos, a alegria das crianças.*



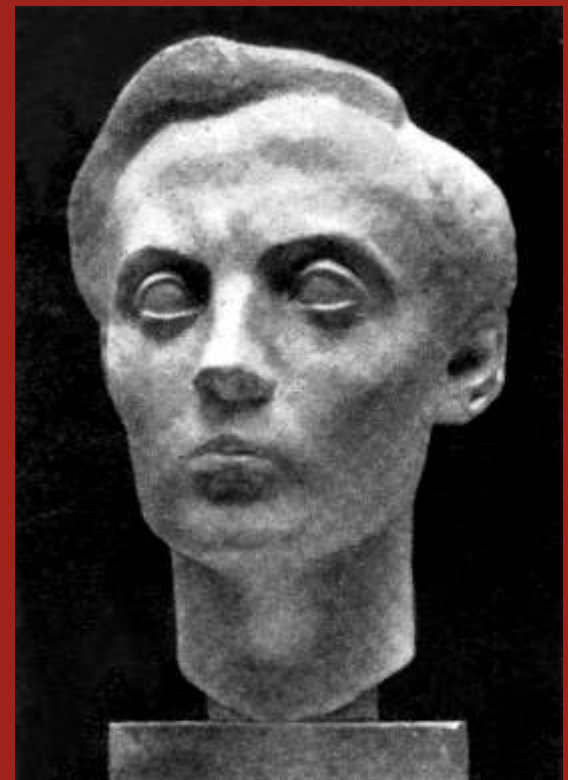
José Dias Coelho, Margarida Tengarrinha e a filha Teresa - Setembro de 1953



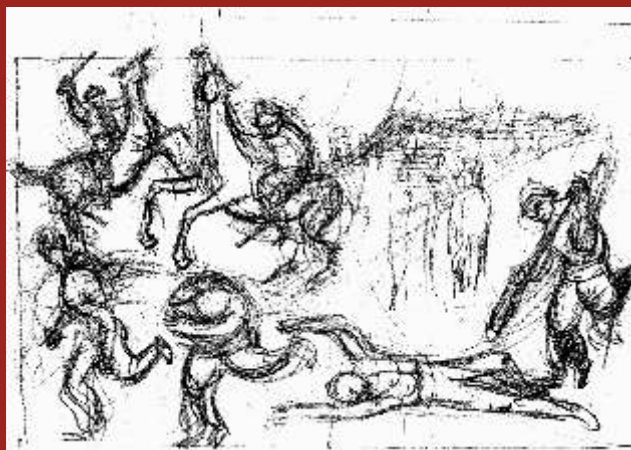
José Dias Coelho, Margarida Tengarrinha e a filha Guida em 1960



Ilustração de José Dias Coelho para a capa do livro de Alexandre Cabral



Escultura de Maria Eugénia Cunhal



Esboços inéditos feitos na clandestinidade, em meados dos anos 50, Manifestação, Repressão e Séculos de Resistência



# A dedicação total

Outono de 1955. Para trás ficam as primeiras grandes encomendas públicas de escultura que provavam a sua consagração como artista de grande nível. Abandona esse trabalho em que se realiza, larga as tertúlias e os convívios e os amigos e o bulício cultural da grande cidade. Mergulha na clandestinidade. Por escolha.

Relembrou Cardoso Pires:

*«Escolheu, soube-o mais tarde, a via definitiva, a do comunista que se lança, inteiro e definitivo, contra um mundo velho e feroz.» (...)* *«Foi. Para a frente e de cara voltada para a luz.»*

Se não são raros os casos de intelectuais que levaram a peito e até ao fundo a militância a ponto de aceitarem as agruras e os sacrifícios que a vida de clandestino Impunham – muito mais do que os outros arriscavam a liberdade e a vida – raríssimos foram os artistas que o escolheram, que a liberdade é o esteio principal da arte.

José Dias Coelho fê-lo. Assim como Margarida Tengarrinha, sua companheira, que escreveu: *«Artista militante e militante revolucionário, chegou um momento da sua vida em que aceitou conscientemente sacrificar a sua carreira artística como escultor, que se apresentava promissora, para continuar, no quadro de funcionários do Partido Comunista Português, o combate pelo derrubamento do fascismo e por um Portugal socialista. Foi um grande sacrifício. Mas nunca o ouvi pronunciar a palavra sacrifício.»*



Foto do Arquitecto Hernâni Gandra - 1954/55



Bilhete de Identidade falso de José Dias Coelho



José Dias Coelho com Arg. João Manta, Arg. Santa-Rita, Pintor Sá Nogueira, Jorge de Matos (func. do Partido) e mais dois amigos, em 5 de Maio de 1955 antes de entrar na Clandestinidade



Baixo-relevo para classificação no ESBAL -1951



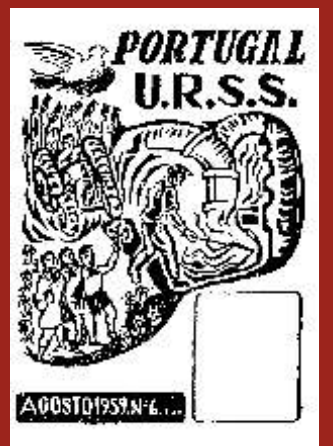
# A luz na obscuridade

O artista revolucionário sabia o alcance da sua tomada de decisão ao escolher a vida de funcionário clandestino. Era um caminho sem retorno, até à liberdade. Ou à prisão. Ou à morte. E a tarefa que aceitou modesta e essencial foi a de, com a sua companheira, montar uma oficina de falsificação de documentos destinados à defesa dos camaradas clandestinos: bilhetes de identidade, passaportes, licenças de bicicleta, cartas de condução. Um trabalho, como recorda Margarida Tengarrinha, «obscuro, monótono, fechado, tão oposto à sua vocação de escultor e aos seus hábitos de convívio».

Dessa obscuridade nos fala com os seus desenhos e gravuras publicadas no Avante!, que não havia fotografias que narrassem as prisões e as reuniões clandestinas, os presos onde saía impresso o papel fininho a anunciar a luta. E havia também os retratos dos camaradas assassinados pela PIDE, como ele próprio seria. E, no meio da obscuridade, a luz e a tragédia. As massas em luta, Catarina derrubada pelas balas do fascismo, bandeiras empunhadas, resistência. A luz era essa.



Documentos falsos de dirigentes do PCP, materiais para apoio financeiro ao partido, cabeçalho do Boletim a "Voz das Camaradas" e Boletim "Portugal-URSS", produzidos na clandestinidade



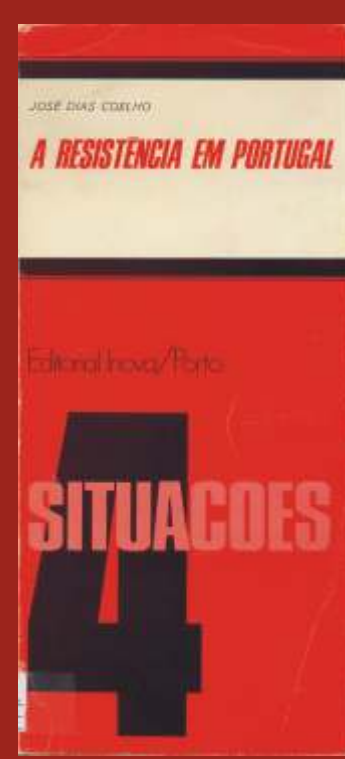
Gravuras de José Dias Coelho de Maria Machado e José Moreira, que trabalhavam nas tipografias clandestinas do "Avante!"





# Notícias da resistência

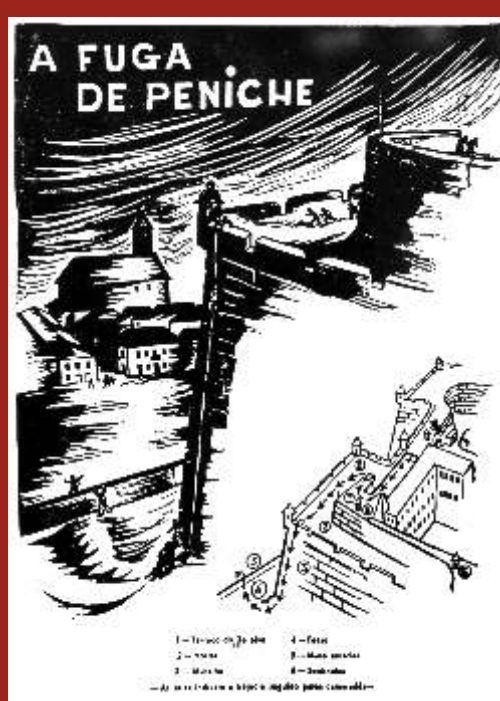
José Dias Coelho deixou-nos ainda, escrito de colaboração com Margarida Tengarrinha, um documento cujo valor na época –1960 – só pode ser superado hoje, quando viceja uma campanha mundial para o branqueamento do fascismo e pela criminalização dos comunistas. Tão actual que, 45 anos após o assassinato do revolucionário, continua a ser de indispensável leitura para todos quantos tenham esquecido a noite fascista e para tantos que, felizmente, só viveram depois de Abril. Reeditado pelas Edições Avante!, com prefácio de Margarida Tengarrinha, a sua escrita fora ideia de Álvaro Cunhal, após a fuga de Peniche, e o livro acabou por vir a chamar-se «A Resistência em Portugal». No livro aprendem os que não sabem e relembram os que viveram e participaram na luta contra o fascismo, o que foi esse período negro da nossa história e os heroísmos e as lutas dos seus principais opositores, os comunistas. Aí se contam os crimes as prisões e as torturas, as ilegalidades e os arbítrios, a opressão e o obscurantismo. Para manter viva a memória.



Edição de 1974 do livro "A Resistência em Portugal"



Várias gravuras 1951/1956



Gravura de Margarida Tengarrinha





# A morte saiu à rua

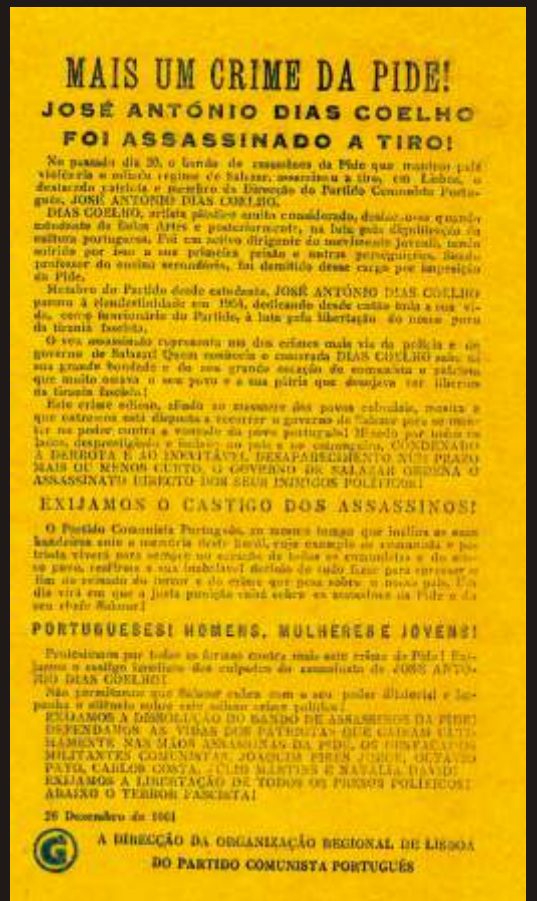
José Dias Coelho foi assassinado pela PIDE, na antiga Rua da Creche, em Alcântara, no dia 19 de Dezembro de 1961. Tinha 38 anos de idade e era membro da Direcção da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português. Foi a própria companheira quem redigiu, para o *Avante!* do mês seguinte, a notícia. Um tiro à queima-roupa derrubou-o, outro foi disparado com ele já no chão. A vida de um revolucionário chegava ao fim. A luz que o alumiaava, não. Persiste nos corações e na razão dos camaradas que o conheceram e das gerações que não desconhecem o seu exemplo vertical. E passou a andar nas canções dos poetas, como nos versos da canção de José Afonso, «A Morte Saiu à Rua»:

*A morte saiu à rua num dia assim  
Naquele lugar sem nome pra qualquer fim  
Uma gota rubra sobre a calçada cai  
E um rio de sangue de um peito aberto sai*

*O vento que dá nas canas do canavial  
E a foice de uma ceifeira de Portugal  
E o som da bigorna como um clarim do céu  
Vão dizendo em toda a parte que o pintor morreu*

*Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual  
Só olho por olho e dente por dente vale  
À lei assassina à morte que te matou  
Teu corpo pertence à terra que te abraçou*

*Aqui te afirmamos dente por dente assim  
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim  
Na curva da estrada há covas feitas no chão  
E em todas florirão rosas de uma nação*



José Afonso na Festa do "Avante!", no Alto da Ajuda - 1981



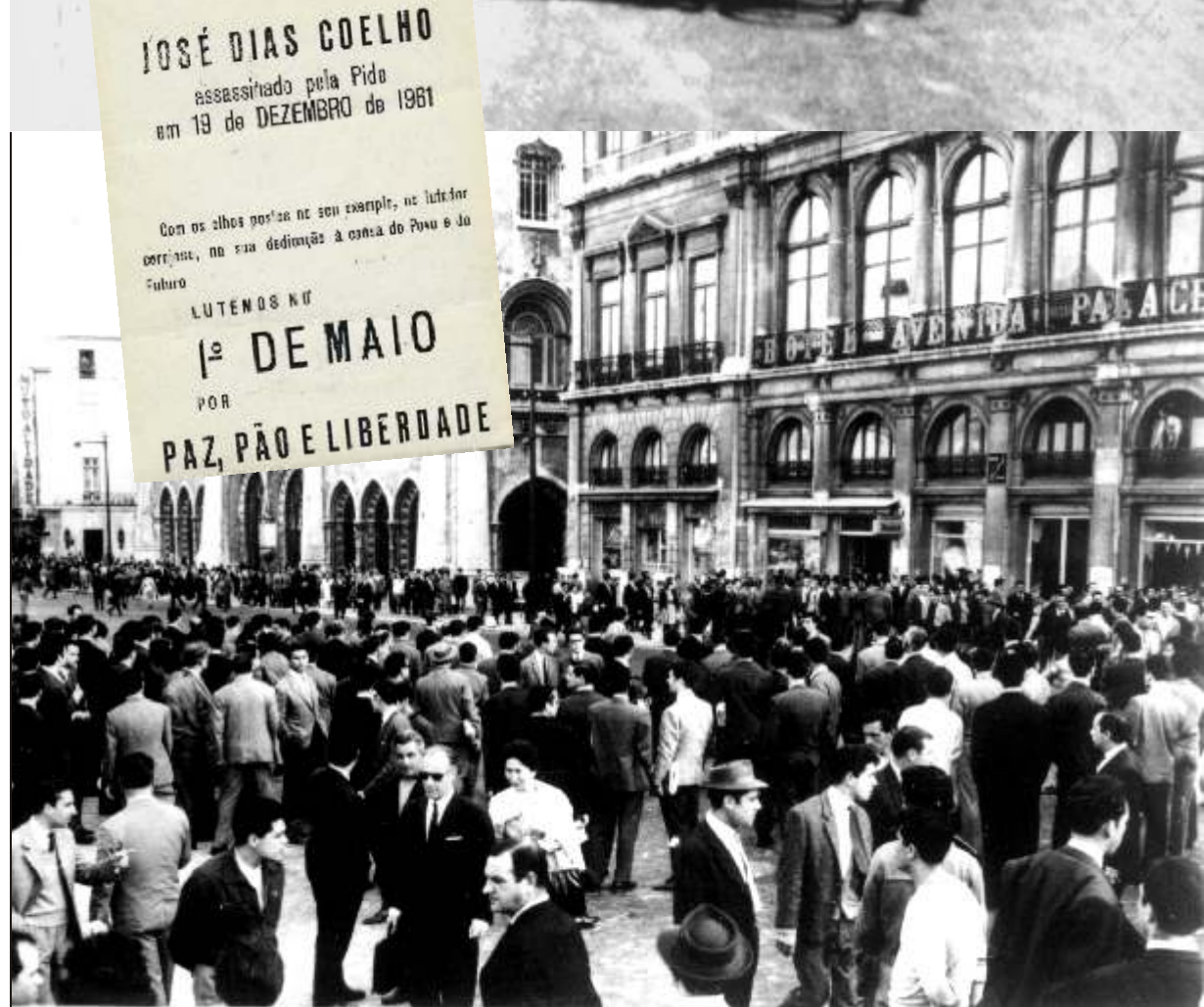
Casa em Pedrouços - Lisboa, onde vivia, clandestino, José Dias Coelho quando foi assassinado, em Dezembro de 1961





**José Dias Coelho  
morto a tiro numa rua de Lisboa  
pelos assassinos da PIDE!  
Exigi o castigo dos  
criminosos!**

Gravura feita para o jornal "Avante!", Janeiro de 1962, pedida por Margarida Tengarrinha ao pintor Lamas de Freitas



Manifestações do 1º de Maio de 1962, no Barreiro e em Lisboa

Senhor Presidente da República Portuguesa,  
do Parlamento, Artistas e Jornalistas, e de outros sectores, e de todos os portugueses que se encontram na Pátria, de Lisboa, em 13 de Dezembro de 1961, protestam, em nome de toda a gente, contra a brutalidade e a crueldade da PIDE e contra a morte de José Dias Coelho.

Hoje há 27 de Janeiro de 1962.  
Margarida Tengarrinha  
Lamas de Freitas

Senhor Presidente da República Portuguesa,  
A PIDE assassinou José Dias Coelho a tiro em Lisboa, no dia 13 de Dezembro de 1961. Este assassinato foi cometido por um grupo de assassinos da PIDE, que foram julgados e condenados a prisão perpétua.

Hoje há 27 de Janeiro de 1962.  
Margarida Tengarrinha  
Lamas de Freitas

Senhor Presidente da República Portuguesa,  
A PIDE assassinou José Dias Coelho a tiro em Lisboa, no dia 13 de Dezembro de 1961. Este assassinato foi cometido por um grupo de assassinos da PIDE, que foram julgados e condenados a prisão perpétua.

Senhor Presidente da República Portuguesa,  
A PIDE assassinou José Dias Coelho a tiro em Lisboa, no dia 13 de Dezembro de 1961. Este assassinato foi cometido por um grupo de assassinos da PIDE, que foram julgados e condenados a prisão perpétua.

Continuam por esclarecer as circunstâncias do assassinio do escultor José Dias Coelho.

EM ALCANTARA  
Um prédio dum prédio em demolição

SOLIDARIEDADE MUNDIAL  
aos presos políticos portugueses

PROTESTOS  
contra os crimes da PIDE

Há um ano a PIDE assassinou José Dias Coelho

Realizou-se ontem o funeral do escultor José Dias Coelho, que foi morto a tiro.

Foi já encerrada a greve

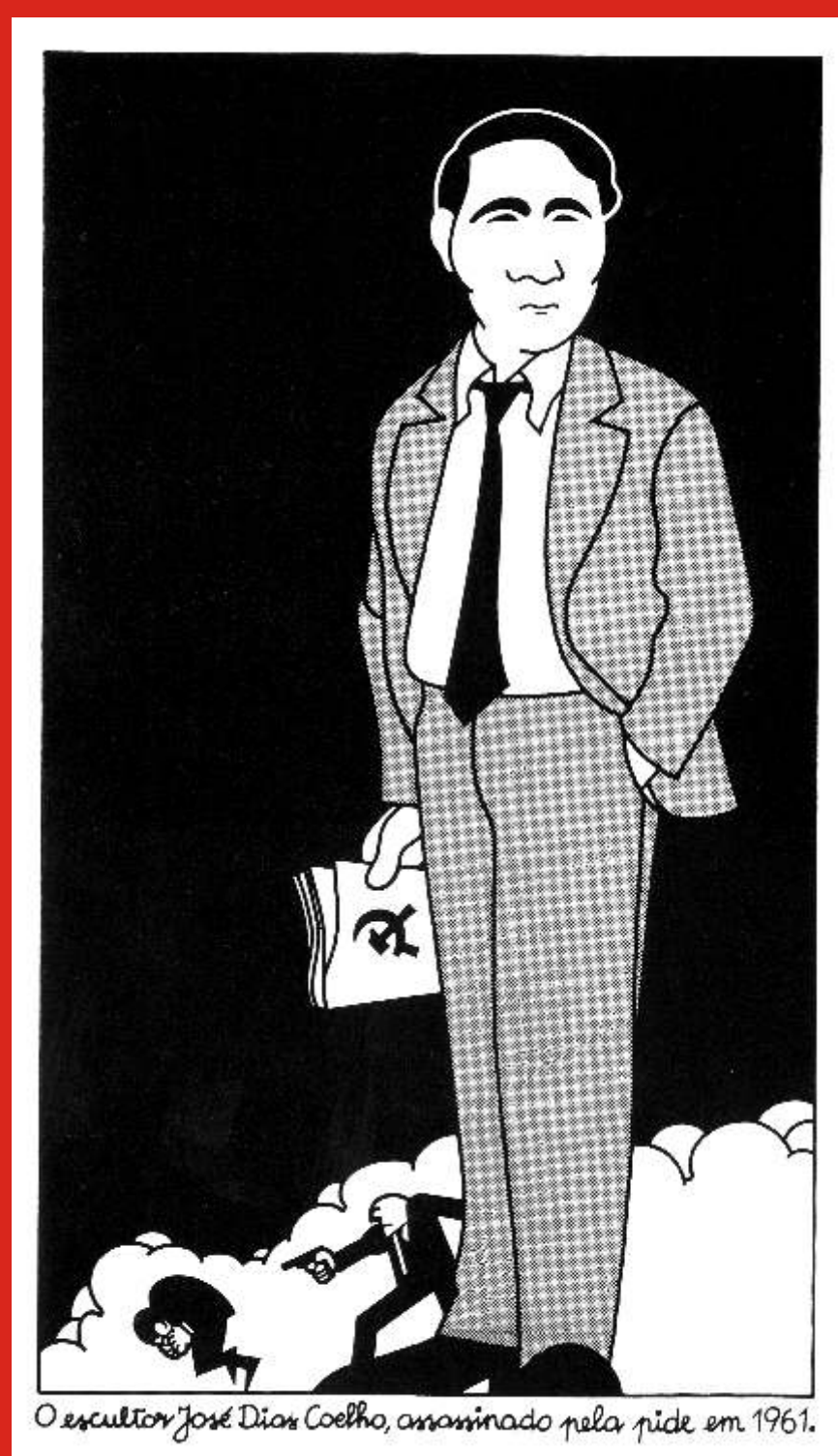
Notícias nos jornais diários e no "Avante!", Dezembro de 1961

**Aluta**





Evocação a José Dias Coelho, Junho de 1974, com colocação de placa alusiva ao assassinato, na Rua José Dias Coelho, antiga Rua da Creche, em Lisboa



O escultor José Dias Coelho, assassinado pela púde em 1961.

Ilustração de João Abel Manta do assassinato de José Dias Coelho

***continua!***